

# PORTUGAL SOBLENTE ALEMÃ: MARIA UND EUSÉBIO, DE MICHAEL LONGERICH

ANA ISABEL GOUVEIA BOURA\*

**Resumo:** *Apetrechado com bagagem académica recolhida nas áreas de História, Ciências Políticas e Germanística, Michael Longerich parte em viagem dialógica, para captar matizes político-económicos e socioculturais de um país europeu em rota colonial e trajetória pós-colonial. Tomando uma figura de vulgaríssimo nome feminino, no espaço lusófono das décadas de 1960 e seguintes, e uma figura masculina fulgurante na ribalta futebolística internacional, que inesperadamente travam conhecimento numa cabine de avião, o autor, nascido na Alemanha e residente na Dinamarca, desvela, em tessitura romanesca, linhas e entrelinhas de uma sociedade urbana espartilhada pela ideologia salazarista e libertada pelo golpe revolucionário. As perguntas prováveis do leitor, ao virar a capa do romance, rumo à página de rosto da obra: que traços de realidade e fios de imaginação se entrelaçam na imagem de Portugal rececionada pelo escritor alemão à distância das décadas, dos quilómetros e da língua portuguesa? Que propósito autoral juntou, já no título da obra, figura anónima a individualidade de craveira internacional?*

**Palavras-chave:** *Michael Longerich; Romance; Portugal; Eusébio.*

**Abstract:** *Having studied History, Political Sciences and German Studies, Michael Longerich sets out on a dialogic journey, to capture political, economic, social and cultural nuances of an European country on a colonial route and post-colonial trajectory. Approaching a character with a common female name in the Portuguese-speaking world of the 1960s, 1970s and 1980s and an international football star, the author of Maria und Eusébio, born in Germany and residing in Denmark, reveals, in a novelistic text, aspects of an urban society in and after Estado Novo. Two main questions, when we turn to the opening page of the novel: what traces of reality and threads of imagination are intertwined in the image of Portugal presented by a German writer at a distance of decades, miles and the Portuguese language? What authorial purpose has approached — from the title of the book on — an anonymous character to a football star?*

**Keywords:** *Michael Longerich; Novel; Portugal; Eusébio.*

## ELEMENTOS BIOBLOGRÁFICOS<sup>1</sup>

Michael Longerich nasceu em 1959, na cidade de Freiburg im Breisgau; cursou História, Ciência Política e Germanística, tendo concluído a sua formação académica

---

\* Faculdade de Letras, Universidade do Porto, CITCEM. Email: [aboura@letras.up.pt](mailto:aboura@letras.up.pt). ORCID: 0000-0001-7579-7163. Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/04059/2020 com o identificador DOI: <https://doi.org/10.54499/UIDB/04059/2020>.

This work was supported by national funds through FCT — Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P., under the project reference UIDB/04059/2020 and DOI identifier: <https://doi.org/10.54499/UIDB/04059/2020>.

<sup>1</sup> Raras, concisas e dispersas por páginas eletrónicas do mercado livreiro, assim são as informações sobre a vida e a obra de Michael Longerich. A consulta das principais obras bibliográficas de estudos germanísticos não revelou ensaios críticos sobre o autor e/ou a sua obra literária. Assim se justifica a falta de referenciação bibliográfica sobre o autor e a sua produção literária no final deste trabalho.

com uma dissertação na área dos Estudos Políticos. O autor alemão reside, desde 1989, na cidade dinamarquesa de Tønder, havendo juntado à atividade de docente liceal a escrita literária. Vieram a lume, em 1918, o romance de estreia *Immer wieder* e, em 2022, o romance *Maria und Eusébio*. Também com a chancela da editora Kid Verlag, foi, em 2021, dada à estampa a coletânea de narrativa juvenil *Ich will raus! Einfach raus [...]*, coordenada por Longerich.

Não impremeditada a data de edição de *Maria und Eusébio*: conforme informação *online* da editora, o romance surgiu nos escaparates a 25 de janeiro de 2022, o dia em que o jogador benfiquista teria completado 80 anos.

## CAPA E CONTRACAPA

Assumem especial relevância informativa, em *Maria und Eusébio*, a capa e a contracapa do volume — tanto pelas indicações textuais, que identificam autoria, título, género literário e editora da obra, como pela gravura, que, em composição de Rose Bernfeld sobre foto de Luís Bartolomé Marcos, presentifica imagem fotográfica típica de setor antigo na capital portuguesa.

Ao tomar o livro, o leitor depara, na face anterior, com captação fotográfica em perspetiva ascendente: um troço de escadaria urbana, com corrimão central, entre fachadas de edifícios em bairro antigo e de estrato socioeconomicamente inferior, a avaliar pela forte deterioração da pintura domiciliária; pelos grossos fios de telecomunicações; pelos suportes metálicos de estendais encavalitados nas varandas que se abrem sobre os degraus; pelos danos no pavimento em pedra e no ferro cromado do corrimão.

Igualmente interessante que a imagem frontal estampada na capa traspasse a lombada do livro, preenchendo integralmente a contracapa, que revela, além da continuação do segmento de corrimão que se inicia no espaço gráfico da lombada, uma fachada em estado de desgaste arquitetónico. Em grande plano, a parede frontal patenteia uma porta fechada de dois batentes, com dupla janela esguia, sobre a qual se crava o número de localização urbana e um azulejo de estilo lusitano, jogo de azul e branco levemente amarelecido pela passagem temporal. O azulejo glosa motivos religiosos, pois que centra uma figura da Virgem, com imagem do bispo a formar-lhe pedestal e a figura sobranceira de um anjo quase barroco, do qual partem, pela esquerda e pela direita, tufos descendentes de celestiais nuvens. Enquadram bilateralmente a figura sacra, partindo de dois pedestais em pedra, ornamentos vegetais, em torneados de voluta.

Em suma: mesmo antes de ler a sinopse da obra, que surge na contracapa, à direita das figurações arquitetónicas e pictóricas, deste modo aproveitando a parte desnudada da fachada, o leitor verá, se munido de informantes relativos à arquitetura e azulejaria portuguesas, e concomitantemente secundado pelo antropónimo

titular *Eusébio*, nos motivos fotográficos da capa e da contracapa, sinais identificadores da capital lusa.

O texto sinótico confirma a leitura imagética, juntando ao indicador cronológico «1960», com que abre o resumo, a informação sobre o local em que se desenrola a ação e os elementos da sintagmática diegética: a centralidade diegética das figuras que intitulam o romance; o motivo da viagem aérea que conduz à capital portuguesa as duas personagens principais; o enquadramento ideológico-político — a ditadura salazarista. A rematar, duas perguntas que insinuam o protagonismo da figura feminina e o estatuto adjuvante do sujeito masculino: como agirá Maria nas teias familiares e sociais em que estará enredada? Qual o contributo actancial de Eusébio?

## MARIA E EUSÉBIO

Breve sintagma nominal, o título referencial *Maria und Eusébio* agrega dois antropónimos em sucessão sindética, gerando a expectativa de obra narrativa em torno do par amoroso. O público-leitor de língua alemã culturalmente informado, de idade mediana ou avançada e com interesse desportivo, logrará, sem dificuldade, a descodificação do segundo elemento onomástico, lendo nele o nome próprio do futebolista português nascido em Moçambique e internacionalmente aclamado nas décadas de 1960 e 1970.

Surpreenderá, porventura, a ordem dos substantivos que integram a sequência nominal do título: a personagem feminina nomeada antes do elemento masculino, contrariando, desde logo, o modelo convencional (*Dáfnis e Chloé, Tristão e Isolda, Orfeu e Eurídice, Antonio e Cleopatra, Troilo e Crésida, Romeu e Julieta, Pelléas e Mélisande, Paulo e Virgínia*). Não Eusébio, já invulgar no antropónimo que o identifica e amplamente ovacionado, mas a figura feminina designada por atributo onomástico, à data, sobremaneira comum na língua portuguesa, mereceu, no título, a atenção privilegiada do autor textual. E com justificação técnico-literária: a «Pantera Negra», que fulgurantemente pendulou em estádios maiores do universo futebolístico mundial, atravessará as trezentas e quinze páginas do romance como figura leitmotivicamente convocada pela memória e pela voz narrativa de uma serviçal.

Maria, a jovem moçambicana que chega a Lisboa para trabalhar como ama em abastada família da capital, constitui não apenas a personagem principal da ação diegética, mas também, durante dezanove dos vinte e três capítulos da obra, voz narrativa do texto romanesco, deixando, já no parágrafo de abertura, inferir o seu estatuto de narrador autodiegético: «Er sah mich an. Nur mich. Ich konnte es schon von weitem sehen» (p. 5)<sup>2</sup>. Não que a instância narrativa na primeira pessoa

<sup>2</sup> A partir de agora, as citações e as referências a trechos da obra serão identificadas no texto com a indicação das respetivas páginas, entre parêntesis. Excetua-se as indicações incluídas em rodapé nas notas 4 e 5. Utilizei a edição de 2022, trazida a público pela editora Kid Verlag.

se apresse a identificar nominalmente os pronomes pessoais que concatena no parágrafo inicial, limitando-se a insinuar, por conexão gramatical, e em registo depurado, a aproximação sensorial de duas figuras.

Se aplicado a ambos os referentes titulares, o verbo de percepção ótica *sehen* sugere um encontro ansiado e cúmplice de dois seres consonantes. Só o segundo parágrafo, desambiguando o termo «Prazeres» (p. 5), que intitula o primeiro capítulo, desmorrone, em jeito desilusionístico, a imagem eufórica de vinculação sensorial emergida do parágrafo inicial, convocando um grau máximo de separação ontológica — aquela que aparta os organismos vivos dos seres inertes: não a universo de deleite, mas a cenário fúnebre («Friedhof Prazeres», p. 5) se aplica o substantivo paratextual.

Não nomeados, por conseguinte, no parágrafo de abertura, o eu e o ele. Basta, porém, no segundo parágrafo, a designação do jornal exposto no quiosque em que o eu-vivencial vislumbra o eu não vivente, para que o recetor textual infira, no binómio inicial eu-ele a constelação titular. O leitor de língua alemã informado, ou que pretenda informar-se, saberá que *A Bola* alude titularmente a tabloide desportivo, então de tiragem bissemanal, no mercado jornalístico português.

Que ao contacto visual estabelecido pelo eu-vivencial, à saída do cemitério, com a imagem jornalística que o atrai, se junte, já no posto de venda mediática, a conexão táctil («Meine Hände zitterten noch mehr, als ich die Zeitung endlich in Händen hielt und ihn betrachten konnte», p. 5) não poupa à personagem, nem ao recetor textual, o confronto com a pungência do não ser: «Der König ist tot» (p. 5) lia-se em grafia apelativa («in großen Buchstaben geschrieben», p. 5), no suporte jornalístico, e plasma-se, em formato gritante, na eventual deceção do leitor, ao presumir que o relato da ação diegética de *Maria und Eusébio* principia *in ultimas res*, com a inexorável irreversibilidade de um fim relacional.

Fica assim, desde logo, realisticamente motivado, o movimento analéptico que urdirá a sintagmática discursiva. O confronto com a notícia necrológica de Eusébio desencadeia em Maria o processo mnemónico que sustentará a narração: o futebolista, associado, desde o primeiro encontro de ambos, a cada etapa existencial da jovem negra, assomará repetidamente no fluxo diegético-narrativo, para aflorar, ainda, por voz de sujeito exterior à ação, na antepenúltima página da obra.

Flanco narrativo, a enquadrar princípio e fim do relato autobiográfico, o nome e a figura de Eusébio compassam a dupla viagem realizada por Maria — a de elétrico, entre o Cemitério dos Prazeres e a rua das Escolas Gerais; e a da rememoração, que, desencadeada pela repentina notícia jornalística sobre a morte do futebolista moçambicano, denuncia a função adjuvante de Eusébio, na rota vivencial de Maria: pilar de resiliência e trave de sonho, insistente presença, ainda que quase só *in absentia*.

Porque apenas em viagem primordial, longa e aérea, Maria e Eusébio partilham, por impulso do destino, ou lance do acaso, um espaço de comunicação biunívoca:

a jovem aproxima-se, por olhar fortuito, de Eusébio, na gare de partida do aeroporto lourenço-marquino. O jovem, alheio ao olhar feminino, discreto, porém insistente, que o segue, acerca-se, pouco depois, involuntariamente, da conterrânea, ao tomar o lugar preestabelecido pela companhia aérea no avião. Na morosa rota intercontinental, desvelam-se circunstâncias passadas e presentes dos respectivos percursos vivenciais; enunciam-se motivações e propósitos; admitem-se receios e esperanças; reconhecem-se, com indisfarçado agrado, afinidades de história pessoal e do perfil psicológico; antecipa-se futuro jamais presentificado (pp. 10-14).

«Besuch mich doch» (p. 15) convida, à despedida na gare aeroportuária de Lisboa, por incentivo da sua companheira de bordo, o futebolista, que a imediato pedido da interlocutora, propõe também o ponto de encontro: «Im Stadion» (p. 15). A contração da preposição espacial «in» com o artigo definido escamoteava a incerteza do jogador quanto à sua identidade clubística, pois que Eusébio, o sujeito ficcional, tal como o referente empírico, ignorava, à chegada a Lisboa, não apenas a sua futura domiciliação, como também a associação desportiva que, no leilão concorrencial das duas equipas então mais fortes do futebol português, o arrebataria (p. 11).

Não podia, ademais, o, até então, jogador do Sporting Clube de Lourenço Marques, adivinhar que a jovem companheira da rota migratória o visitaria, não apenas, como previsto, no anonimato massificado do estádio benfiquista — para lhe captar, primeiro, em treinos e jogos, o dinamismo vital e a genialidade desportiva, e lhe apreender, depois, no velório, a serenidade majestática emoldurada por homenagem multitudinária. Já antes, muito antes de se dirigir ao estádio do clube encarnado, Maria visitava o futebolista à direita do qual deixara, em voo de esperança, o continente mátrio, para se acomodar em solo pátrio: pela sistemática recolha, em jornais desportivos, de fotografias singulares ou coletivas de Eusébio e de artigos noticiosos sobre o jogador. E, se, nas deslocações ao recinto benfiquista, Maria abraçava com o olhar, à distância e sem reciprocidade, o desportista em campo de treino, pelo arquivo de documentos jornalísticos relativos ao conterrâneo, a jovem moçambicana juntava, não raro, à apreensão visual o contacto tátil — toque enlevado do corpo ausente.

Não mero entusiasmo de fã — nem o futebol, nem mesmo o Sport Lisboa e Benfica, apenas Eusébio a cativava («Ich sah nur ihn», p. 52): tão-somente amor desabrochado, com extática passionalidade, em coração juvenil, e jamais estiolado sob as ondas maremóticas, ou nos vendavais desérticos, da sua existência na capital do império colonial. Esmeradamente recortados e preservados com enlevado zelo, em vazia caixa de sapatos, enquanto a compra de álbuns fotográficos lhe ultrapassava a disponibilidade financeira, as fotografias de Eusébio e os artigos que o noticiavam preenchiavam, em luminosos e aconchegantes nichos, os raríssimos segmentos do solitário lazer doméstico que, no quarto, intercalavam a labuta diária de Maria, rapidamente promovida de ama e auxiliar doméstica — conforme promessa verbal

do angariador, na capital moçambicana —, a criada principal, e coagida a contracena sexual com o patrão, no domicílio lisboeta.

Contudo, não apenas fruição do olhar e ilusão de toque, em recanto de ócio; também invocação de auxílio emergencial, nas arenas de flagelação: à imagem que do futebolista guardava na mente e no coração recorria a jovem negra, como se a figura sacral, em oratório anímico, a buscar firme resiliência, promessa de alívio e expectativa de resgate. A Eusébio, suplicava Maria antes, durante e após os interstícios diários em que o patrão lhe saqueava a alma, ao invadir-lhe o corpo («Eusébio, komm und hol mich hier raus. Rette mich», p. 40; «Hilf mir, Eusébio», p., 40; «Du wirst mich bewachen, während ich schlafe, Eusébio.», p. 41); a Eusébio implorou Maria, quando o padre em que ela procurou o Deus consolador e protetor a reenviou, sob escolta policial, ao inferno patronal de que, em auge de vitimização, ousara evadir-se («Ich klammerte mich an einen Gedanken. Eusébio. Eusébio, hilf mir, dachte ich», p. 129). Nem o profundo carinho, misto de gratidão e admiração, por João — o camionista de longo curso internacional que tomou Maria como esposa para a resgatar da exploração e sodomização patronais, e que lhe franqueou, por iniciativa migratória, os espaços e as gentes sul-alemães — logrou esbater, em Maria, a imagem indelével do companheiro de voo intercontinental.

Ao templo benfiquista, levava, ademais, Maria não apenas o seu flamejante coração, mas também as crianças que — primeiro, no lar de infância que, após fuga da exploração patronal, a empregou; mais tarde, no seu próprio lar de, entretanto, viúva; e, às vezes, na cozinha da casa de fados que regularmente visitava — saravam fissuras, colhiam resiliências e moldavam sonhos sob as palavras de experiência vivencial e de amor maternal com que a protagonista as albergava.

Não que as sucessivas apóstrofes de Maria a Eusébio, quase sempre em monólogo interior, se acompanhassem de referências ao perfil físico ou psicológico do invocado. Ao antropónimo, não raro em função vocativa, juntava Maria o pronome possessivo na primeira pessoa, para, com máxima firmeza, lhe imprimir presença — «mein Eusébio» (MuE, 40). Alternativamente, surgia-lhe, em complemento ou em substituição do elemento onomástico, denominação mais afetiva: «mein Geliebter (MuE, 52).

## O PORTUGAL DE EUSÉBIO

Do Eusébio de Maria o leitor recebe retrato disperso e lacunar, entretecido de malhas verídicas e fios imaginários, que só o leitor historicamente competente logrará des-trinçar: o tom claro da pele — alusão do autor textual ao miscigenado sangue do jogador benfiquista, filho de pai branco nascido em Angola e de mãe negra moçambicana —; o fato em que o jovem lourenço-marquino se encolhia, à partida da terra natal; a chegada, em dezembro de 1960, a Lisboa; os olhos «expressivos, grandes» (p. 8); o sorriso «tímido» (p. 40) e o tronco musculado; a veloz movimentação em

campo e o remate possante (p. 52); a estreia, no Estádio da Luz, em maio de 1961; os jogos nacionais e internacionais noticiados nos jornais diários a que Maria acedia — com datas rigorosas, número preciso de golos, nomeação fidedigna de equipas e campeonatos, identificação de treinador (Béla Guttmann, p. 32) e companheiros benfiquistas (José Águas, António Simões e José Augusto, p. 52; Mário Coluna, p. 61; José Torres, p. 107) —; os troféus nacionais e internacionais (pp. 189, 220); os gestos de religiosidade e de superstição na entrada em campo (p. 101); o casamento e o nascimento de duas filhas (pp. 99-102, 178, 186); o final da carreira fulgurosa por desgaste osteoarticular, com passagem por diversas equipas nos Estados Unidos, no Canadá e no México (p. 242); o regresso ao Sport Lisboa e Benfica na função de treinador das camadas mais jovens (pp. 247, 255); a inauguração do monumento escultórico no seu cinquentenário (p. 261); a presença na abertura do novo Estádio da Luz (p. 275); a bandeira de Portugal desdobrada sobre urna de notória singeleza na cerimónia do velório (p. 301); a estátua coroada e coberta de cachecóis encarnados (p. 302); o cortejo fúnebre densamente ladeado pela massa de admiradores (p. 304); o luto nacional de três dias (p. 303)<sup>3</sup>.

Em contrapartida, são numerosos os informantes toponímicos que identificam Lisboa. Todos os capítulos, à exceção do último, são titulados com indicadores topográficos: nomes de ruas, praças e bairros; designações de espaços ajardinados, igrejas e cemitérios; denominação de associação<sup>4</sup>. Excetuando o primeiro e os quatro derradeiros capítulos, nos títulos capitulares agrega-se à identificação topográfica brevíssimo apontamento de extração diegética, entre parêntesis e nem sempre em óbvia relação com os eventos narrados nos respetivos capítulos<sup>5</sup>. Somente o capítulo final prescinde de nomeação toponímica, confrontando o recetor textual com lexema único, de procedência vegetal — «Rosen», (p. 313) —, mas em evidente vinculação diegética (a flor que Maria depunha nos defuntos que visitava).

No corpo textual da obra, abundam formulações toponímicas que integram o roteiro da urbe lisboeta<sup>6</sup>. O propósito de verosimilhança assume também o gesto

<sup>3</sup> Para informação textual e fotográfica sobre Eusébio da Silva Ferreira, ver, entre outros, MELO, 2022, e MALHEIRO, 2022.

<sup>4</sup> Registe-se, a título ilustrativo: 1. Prazeres, 2. Igreja de Santo Condestável, 3. Rua Saraiva de Carvalho, 4. Rua Domingos Sequeira, 5. Estrela, 6. Rua de São Bento, 7. Rua do Poço dos Negros, 8. Praça de Luís de Camões, 9. Largo da Academia das Belas-Artes, 10. Igreja de Santa Maria Madalena, 11. Sé, Alfama, 12. Limoeiro, 13. Miradouro de Santa Luzia, 14. Largo das Portas do Sol, 15. Rua das Escolas Gerais, 16. Voz do Operário, 17. Sapadores, 18. Rua Maria Andrade, 19. Martim Moniz, 20. Cemitério do Lumiar, 21. Prazeres, 22. Panteão.

<sup>5</sup> «Nach Lissabon», p. 8; «Das Haus da Maia», p. 16; «Annäherungen», p. 31; «Veränderungen», p. 47; «Triumph», p. 61; «Enttäuschungen», p. 71; «Die neue Herrin», p. 93; «England», p. 104; «Flucht», p. 134; «Leben in der Alfama», p. 158; «Kinder», p. 178; «Die Revolution», p. 189; «Freiheit», p. 220; «Zurück in Lissabon», p. 235; «Neues altes Leben», p. 247; «Enthüllungen», p. 261; «Europameisterschaft», p. 275.

<sup>6</sup> Aponte-se, exemplificativamente: Lapa, p. 16; rua de São Caetano, p. 17; Tapada das Necessidades, p. 28; rua Garrett, p. 75; Basílica da Estrela, p. 102; largo São Nicolau, p. 102; Campo de Ourique, p. 187; Campolide, p. 187; Rossio, p. 202; largo do Carmo, p. 203; rua do Arco do Chafariz das Terras, p. 241.

realista de referência a marcos regionais e locais do mapa lusitano — Cascais (p. 48), Alentejo (p. 58), Porto (p. 84), Tavira (p. 292) —, bem como a países e cidades estrangeiros, que mapeiam a ação rememorada por Maria durante o percurso de elétrico através de Lisboa: além de Moçambique (p. 8) e Lourenço Marques (p. 11), Espanha (p. 164); Tübingen (p. 223); Heidelberg (p. 224); Karlsruhe, Baden-Baden, Friburgo, Elsass (p. 226), Eberbach am Neckar (p. 228).

E, contudo, só raramente a tais indicadores topográficos se acoplam informações espaço-descritivas — como se, convocada pelos acontecimentos disfóricos, que, desde a chegada a Portugal, fora armazenando, a memória de Maria censoriamente lhe esbatesse a configuração de cenários urbanos ou de telas paisagísticas. Escasseiam, assim, os informantes arquitetônicos exteriores: são avulsa e celeremente notadas as frontarias deterioradas e as ruas íngremes no centro de Lisboa. Mais rareiam as referências descritivas ao recheio e à modelação dos respetivos interiores: traçado domiciliário, elementos decorativos ou peças de mobiliário apenas esporadicamente referenciados, quase sempre sem atributos, e somente quando suportes de cenas direta ou indiretamente experienciadas pelo eu-vivencial. Não admira que o eu-narrador ceda a visão e a voz narrativa ao motorista privativo do futuro patrão, que, após receber Maria na área de chegadas do aeroporto lisboeta, lhe apresentou, com formulação de cicerone («Hier unten», «Außerdem», «hier», «Oben», «Dazu», «Im zweiten Stock», «Dort», «Am Ende des Ganges» p. 19), as assoalhadas nos pisos da mansão patronal; e ao motorista de pesados que, após haver escutado, na taberna de fados, os maus-tratos de Maria na residência senhorial, não só propôs uma rodada para a jovem negra e para o coletivo que, com «lágrimas» e «punhos cerrados» (p. 146), a tinha escutado, como também se prontificou a acolhê-la na singeleza do seu domicílio, que apresentou também em figurino cicerónico («Hier unten», «daran anschliessend», «Hier nach oben», «in den ersten Stock», «und noch», p. 148), sem prever que viria a desposar a serviçal então em fuga.

Não surpreenderá, por conseguinte, sobremaneira, que o leitor fique a conhecer quase só a localização e, lacunarmente, a planta da casa patronal que Maria habitou, enquanto empregada doméstica, durante os primeiros seis anos da sua domiciliação em Portugal; e somente a situação e o plano truncado da habitação que, em Lisboa, a protagonista partilhou com o marido João. Como não espantar-se que ao recetor textual se veicule escassíssimos constituintes da casa de fados em que a serviçal lourenço-marquina insistentemente buscava aconchego familiar, após a sua evasão da moradia patronal; e apenas o nome das duas igrejas nas quais Maria experienciou, primeiro, a convivência de poder laico e poder religioso urdida no Estado Novo e, depois, o velado inconformismo de membro eclesiástico perante a prepotência do regime salazarista.

Que, na rememoração do eu-narrador aflore o nome eufórico (Hotel do Sol, p. 50) e a localização privilegiada (adjacente à praia) do espaço hoteleiro no qual

o patrão ocultou Maria, na semana que sucedeu ao aborto compulsivo, justificar-se-á, porventura, pelo bem-estar experienciado, nesse período, pela serviçal, que, embora assolada por acutilantes dores pós-cirúrgicas, usufruiu, em aprazível cenário marítimo, de dias, por um lado, sem a ofensiva sexual do patrão e, por outro, do estatuto senhorial, ao beneficiar de atendimento personalizado inerente à sua qualidade de hóspede (p. 50).

Por desvelar ficam a residência de Heidelberg, em que Maria morou com o marido João (p. 224), ou a habitação no bairro de lata lisboeta, ocupada pela irmã e pelo cunhado de Maria, também eles emigrados de Moçambique, e na qual a protagonista temporariamente, e contra pagamento, se acolheu, após o regresso da Alemanha, por morte do marido (p. 236); ou, ainda, o apartamento em Benfica que a viúva regressada a Lisboa habitou, enquanto aguardava o retorno à casa, que, antes da estada em espaço alemão, lhe fora conjugal e que novo arrendatário entretanto ocupara (p. 251).

Sobremaneira gritante o silêncio, na rememoração de Maria, sobre a sua terra natal: nem a transposição de Lourenço Marques para território nacional, mas não familiar, saldada, a princípio, em saudade da esfera familiar e social, tanto como do solo-berço, nem a posterior visita a Maputo, para reencontro com a mãe aniversariante, que lhe desfraldou imprevistas estranhezas, tricotadas por dias, meses, anos, décadas de separação lhe ergueram, durante o percurso de elétrico por Lisboa, as cores e as formas, os sons e as fragrâncias, as texturas, as termias e os paladares, tão intensos, tão outros, que lhe haviam plasmado a infância e adolescência. Nem o convite do Padre Gonçalves, para que rematasse a refeição festiva no centro juvenil da paróquia com uma revelação da sua vivência moçambicana ou da sua chegada a Lisboa animou Maria a enunciar experiências moçambicanas, preferindo narrar a sua já tão amplamente conhecida aproximação de Eusébio.

Na insónia da primeira noite em casa e em solo estranhos (a moradia patral na Lapa), ainda os «ruídos» da cidade natal lhe entremearam a lembrança da mãe e dos irmãos além-mar (p. 19). Depois, só fugazmente, em lacónica e distanciada constatação, recordou Maria que lhe faltara o odor africano no dealbar da sua primeira primavera lisboeta (p. 31). Sem resposta fica a pergunta do leitor culturalmente curioso: que sons noturnos e fragrâncias primaveris apartavam as duas capitais lusófonas?

E maior ainda a estupefação do leitor, se historicamente informado: omissa, na rota rememorativa da protagonista, data maior no calendário vivencial do povo moçambicano — aquela que lhe reconheceu a posse dos bens materiais e imateriais que a colonização portuguesa usurpara a quase incontáveis gerações de indígenas. Nenhuma referência nominal e cronológica à independência de Moçambique, que, em 25 de junho de 1975, mereceu notícia de primeira página também na imprensa portuguesa, decerto ao alcance visual da personagem que diariamente buscava

notícias jornalísticas sobre o jogador benfiquista. Nenhuma alusão aos combatentes negros que, no campo de batalha, na arena política, ou no palco cultural, prepararam, festejaram e consolidaram a sua libertação do país colonizador, alguns dos quais — como os dois primeiros chefes de Estado de Moçambique, Samora Machel e Joaquim Chissano, ou os poetas Noémia de Sousa e José Craveirinha — oriundos do bairro lourenço-marquino de Mafalala, de que provinham quer o histórico Eusébio da Silva Ferreira quer a protagonista do romance.

É certo que o 25 de Abril de 1974 deslumbrara Maria, pelas multidões que, a fôlego livre, deambulavam entre o Rossio e o Convento do Carmo. Escapou-lhe, todavia, na rememoração desnovelada em trajeto de elétrico, a cabal essência política do golpe revolucionário português, embora a serviçal moçambicana se haja recordado, no curso do transporte público, das palavras que se elevavam no Rossio («Gleichheit. Brüderlichkeit. Solidarität», p. 202), e de haver comprado cravos vermelhos, para os introduzir em lapelas militares ou em canos de espingardas vitoriosas (p. 219), pacificamente erguidas por soldados que somente nos uniformes se assemelhavam a tantos outros que lhe haviam povoado a trajetória existencial: aqueles contra os quais a mãe, na infância e adolescência lourenço-marquina, a alertava («Verstecke dich, wenn du einen Mann in Uniform siehst. Egal ob Polizist oder Soldat. Sie bedeuten nichts Gutes für uns. Egal, welche Hautfarbe sie haben», p. 16); ou aqueles que, a mando do traiçoeiro padre, a reconduziram à residência patronal, não despegando o olhar de canina vigilância, até à reentrada da serviçal evadida («Ich musste allein ins Haus zurück. Sie blieben aber so lange am Zaun des Hauses stehen, bis ich hineingegangen war», p. 128).

Na memória da passageira urbana, aflorou, também, o momento em que, sozinha, na casa do então futuro marido João, deparara com lombadas promitentes de fruição gastronómica, pelos títulos culinários que ostentavam, e a subsequente estupefação, ao encontrar, nos volumes que ia tomando, não instruções de confeção culinária, mas trilhos de intervenção ideológico-política e social. Não que Maria, em leitura salteada, entendesse cabalmente aquilo que o autor de *Die Macht der Arbeiter* (p. 151) pretendia significar; como não terá vislumbrado a amplitude e a profundidade de sentidos poéticos e políticos, quando, incentivada por fadista, escutava, na sede do jornal *Voz do Operário*, ou, assim motivada, lia, em livros que, com mãos de enlevo, adquiria, as palavras de Sophia de Mello Breyner Andresen (pp. 193, 196). Muito menos poderia a serviçal moçambicana saber que o título *Die Macht der Arbeiter*, que, decerto em versão portuguesa, encontrou camuflado na estante de João, se em formulação alemã, a teria conduzido ao poema homónimo de Bertolt Brecht, que não aborda, como o livro do camionista português, a opressão da classe trabalhadora no «novo estado» (p. 151) de Salazar, mas afirma, pela narração de um levantamento grevista na vizinha Espanha, a força imbatível de qualquer trabalhador quando unido à gigantesca massa laboral.

Claro que o futuro marido de Maria, o camionista que, em função laboral, somava percursos internacionais e, em missão ideológica, gizava trajetos de clandestina revolta, a mantinha distanciada das reuniões, tão políticas como secretas, com a mesma férrea certeza dos restantes camaradas que aí participavam — a de que o acesso de namoradas ou esposas ao mais-saber confidencial dos companheiros significaria altíssimo risco para todos os membros familiares e, não menos, para o projeto libertador que os ocupava em momentos de pausa laboral (pp. 190-191).

Bem melhor do que Maria, compreenderá o leitor, sobretudo se historicamente informado, que o filho do patrão, ao violá-la, como o pai, visava diferentemente deste, não a impotente serviçal das colónias, nem apenas o regozijo adolescente pela descoberta da sexualidade (p. 216), mas também o próprio progenitor (p. 216), que, banqueiro íntimo da elite política, amarfanhava todo aquele que ele, na esfera familiar-doméstica, ou no círculo profissional, considerasse, por categorização do regime salazarista, criatura subalterna. Não que o jovem Vítor tivesse, já então, a consciência política que o viria a acercar do MFA. Ao tomar sexualmente a rapariga que Ernesto da Maia, por estatuto social e por identidade étnica, desmerecia, mas em libidinoso quotidiano usava, o filho do patrão vingava tão-somente a prepotência com que o progenitor, na ótica filial, insistentemente substituíra a falecida esposa. Claro que a prática sexual ocorreu na ausência e no desconhecimento do chefe familiar; e, contudo, a secreta deslealdade à figura paterna constituiu, afinal, reforço do ato vingativo.

É certo que a serviçal lourenço-marquina conhecia as perversas circunstâncias subliminares da sua contratação, pois que cedo fora informada por Berta, a governanta, antiga na mansão, e por Luís, o motorista que, no silêncio da condução, coligia dados pessoais do patrão Ernesto da Maia, de que após o despedimento da sua antecessora, provinda do Alentejo, o patrão se decidiu pela contratação de rapariga sem vínculos familiares e sociais em Portugal Continental. E, contudo, talvez Maria não haja chegado a perceber por que motivo o pai da antecedente empregada doméstica tão afoitamente rumara da sua aldeia alentejana a Lisboa, para arrancar a filha à exploração sexual do capitalista (p. 57). Como, muito provavelmente, jamais a serviçal moçambicana se haja perguntado se existia umnexo lógico-causal entre a proveniência — também alentejana — do marido camionista e os princípios revolucionários que ele clandestinamente debatia, frente a caneca de cerveja, na casa de fados de Alfama. E a pergunta do leitor: terá o eu-vivencial, ou, posteriormente, o eu-narrador, sabido porque a Lapa, o bairro do domicílio patronal, se conjugava, na gramática urbana de então, com prepotência familiar, hegemonia social e humilhação alheia, e porque Alfama, o bairro da casa de fados que lhe acolheu a angústia e a impotência de evadida do jugo patronal, era sinónimo de autenticidade, solidariedade e generosidade?

O autor textual leva a sua protagonista a revelar, no discurso autodiegético, que Maria conhecia os nomes da esposa e das filhas do futebolista seu conterrâneo, com as datas de casamento de Eusébio e de nascimento das duas meninas — informações colhidas nos artigos jornalísticos que Maria colecionava —; mas não permite que o eu-narrador revele se o eu-vivencial sabia igualmente qual o bairro lourenço-marquino de nascimento do futebolista — o mesmo, no contexto histórico, não apenas de políticos e poetas da democracia, mas também de Ricardo Chibanga, figura tauro-máquica agraciada no regime salazarista e caetanista, ou de Hilário da Conceição, jogador do Sporting Club de Lourenço Marques, mais tarde, reputado no Sporting Club de Portugal. Improvável que tal informação, tão elementar, não haja assomado no diálogo que preencheu as, então, mais de uma dezena de horas de viagem intercontinental que juntou Maria e Eusébio.

De resto, ao leitor munido de saber histórico-contextual não passará também despercebido que a protagonista da obra nasceu e cresceu em Mafalala, referente toponímico enunciado pela voz de sua mãe, quando, mesmo sem sentido premonitório, alertava a filha contra o perigo de assédio sexual por figuras que, no antigo regime português, usavam o uniforme militar ou policial, para extrapolar o seu poder institucional (p. 16) — e designação pós-colonial do bairro de nascimento da figura histórica Eusébio da Silva Ferreira.

Não por acaso, decerto, também, o nome do proprietário da casa de fados, que será, para a serviçal moçambicana, vítima de sucessivo abuso sexual pelo patrão, signo de carinho, proteção, acoçoamento e orientação, vindo mesmo a oferecer-lhe a gerência e a posse do estabelecimento: António — não apenas como o santo padroeiro da capital lusa, mas igualmente como o pai do real Eusébio da Silva Ferreira. Ou o nome da irmã em cuja habitação Maria se acolheu, temporariamente, após o regresso da Alemanha: Elisa — à semelhança da mãe do histórico jogador benfiquista.

O leitor, sobretudo se historicamente informado, vai, pois, nos interstícios da voz narrativa, vislumbrando marcas da realidade política, económica e social portuguesa na década de 1960 e nas seguintes. Ampla a galeria do Estado salazarista e marcelista em *Maria und Eusébio*: a omnipresença tentacular da ideologia ditatorial, sacramente assinalada nos retratos da chefia presidencial e governamental que centravam as paredes de organismos públicos ou privados, ou fantasmagoricamente hasteada em sigla policial de quatro letras («PIDE», p. 199); o nepotismo político e económico; a exploração laboral e o abuso sexual dos trabalhadores de menor qualificação; a mobilidade migratória de indígenas procedentes das designadas «províncias ultramarinas» portuguesas, aglutinados em bairros suburbanos de Lisboa e vítimas de disfarçado ou aberto racismo; a imigração de portugueses da chamada «Metrópole» para espaços europeus economicamente mais promissores; os arrojos

de solidariedade e clandestinidade de trabalhadores rurais e operários fabris, a tecerem guiões de reviravolta em Portugal Continental; a eclosão de movimentos de libertação no Portugal ultramarino; a instrumentalização do fado, fruído pelos que erguiam cervejas e gratidões a fadistas e guitarristas de Alfama ou do Bairro Alto, mas também pelos que, como Ernesto da Maia, o elevavam, em serão doméstico ou receção social, a «alma do povo» (p. 156). Nem Eusébio escapou à tirania do novo regime, que despoticamente o guindou a «propriedade do estado» (pp. 99, 189), para lhe inviabilizar voos desportivos além-fronteiras.

Diversificado, também, no romance, o painel pós-revolucionário português: a fruição entusiástica da liberdade imediata, a abertura das fronteiras nacionais, o fracasso do 25 de novembro de 1975, a lenta execução de mudanças estruturais anunciadas, o confronto com a emergente corrupção bancária, a crise económica internacional<sup>7</sup>.

## A ALEMANHA DE MARIA

Embora o autor implícito não conceda atenção descritiva à casa de Heidelberg, que Maria habitou, com o marido, no período de emigração, garante ao eu-narrador vívida lembrança da estada em solo germânico, deste modo, proporcionando, breve e discretamente, ao recetor textual elementos que configuravam, nas décadas de 1960 e 1970, o quadro cultural alemão: o culto da natureza, sobretudo ao fim de semana («Die Deutschen wanderten gerne, das entdeckten wir schnell», p. 225); a confraternização familiar em «Gaststätte» (p. 225), após excursão pedestre pela floresta; a família nuclear de pequena dimensão (p. 226); a popularidade de modelos automóveis da marca *Opel*; a codeterminação dos trabalhadores fabris, através de órgãos representativos nas próprias empresas (p. 225); a indisponibilidade dos nativos para os trabalhos, bem remunerados, entregues a migrantes (p. 223).

Em complemento, destacam-se, com certo humor e alguma ironia, traços dos imigrantes portugueses na Alemanha de então: a aculturação alimentar dificultada por produtos sentidos como «andersartig» (p. 224); a convivência de portugueses em salas de centros católicos (p. 227); os convívios, em dias de festa, à roda de pratos de bacalhau (p. 227).

## SAÍDA DO ELÉTRICO E DA NARRAÇÃO

No início da viagem aérea que os traria para Lisboa, Eusébio aproxima-se de Maria — sem premeditação, apenas por imperativo da companhia aérea, que assim procedera à reserva dos lugares na aeronave —, ao sentar-se em banco adjacente. No decurso da deslocação intercontinental, a proximidade espacial promove o acercamento

---

<sup>7</sup> Para informação sobre o quadro político, económico, social e cultural de Portugal no período de 1960 a 1974, veja-se, entre outros, REIS, *dir.*, 1990, PINTO, *coord.*, 2005, e RAMOS *coord.*, 2012.

dialógico das duas personagens. A despedida, no aeroporto da capital portuguesa, apartou definitivamente o futebolista da sua conterrânea, sem poder prever que Maria jamais se afastaria de Eusébio.

É de aproximação motora e sensorial a Eusébio a deslocação que Maria inicia, ao sair do Cemitério dos Prazeres, no qual visitara, como habitualmente, a campa do marido João: dirige-se ao quiosque próximo do recinto fúnebre com o olhar preso na fotografia que avistara e toma o jornal exposto, que manterá no seu regaço, durante o percurso de elétrico, alongado por seu lapso de atenção. Folheando a memória, como virava as páginas de texto e imagem, Maria só interrompeu a rememoração ao anúncio do fim de linha, para a retomar, nos vinte minutos de espera pelo início do curso regressivo — sozinha no transporte público, enquanto o motorista partilhava, no exterior, cigarro e conversa com pares em simultânea pausa (p. 299).

Maria voltou, então, para trás, no elétrico e no jornal. Retorno no espaço e no tempo: compassada pelo percurso regressivo do transporte público, a protagonista recuou o olhar da última página do jornal, com a derradeira fotografia do jogador vivo, para a primeira foto, que após o jogo inaugural de Eusébio no Sport Lisboa e Benfica, lhe devolvia a figura do jogador colhida na gare aeroportuária de Lourenço Marques e que, ali, no seu regaço, lhe assegurava, como ao longo de cinquenta e três anos, celestial proteção: «Er passt auf mich auf. Er beschützt mich» (p. 299).

A saída do elétrico não quebrou a corrente rememorativa da protagonista, como não lhe cortou o vínculo multissensorial a Eusébio. Maria vagueou por Alfama, com o jornal que só despegava do corpo, quando lhe depunha o olhar. E, como se fossem insuficientes as imagens que tátil e visualmente tomava do jornal, Maria buscou a figura amada também na parede da casa de fados, em que, tantas vezes, ouvira Ana cantar o fado «Sou tua», título que lhe ecoava, literalmente, as palavras que se lhe haviam ateadado na mente, ao separar-se de Eusébio, no aeroporto lisboeta («Sou tua, sagte ich, während er davon ging. Oder dachte ich es nur?», p.15), ou se lhe haviam escapado dos lábios, quando, no final de um treino, o jogador se aproximou, inadvertidamente, de Maria, ao deslocar-se para sala de entrevista: «Du hast “Sou tua” gerufen», assegurou-lhe, embaraçado, o filho adolescente do patrão, que Maria acompanhara ao jogo (p. 55); e se lhe haviam solto da garganta, na vez — única — em que Maria, destroçada por floreios de cortesia, confissões amorosas, insinuações de futura vinculação matrimonial e legítima integração familiar, exigências de obediência escravizante e ameaças de reencaminhamento para Moçambique com que o patrão lhe emoldurava as cenas de estupro, arrojou experimentar o poder da sedução feminina, para descobrir o travo da prepotência social: «Sou tua, flüsterte ich und meinte Eusébio. Sou tua» (p. 67).

Com o seu melhor vestido, correu ao estádio do Sport Lisboa e Benfica. Juntou-se à multidão homenageante. Nem a longa fila de espera nem as lágrimas dos que

iam acedendo à urna lhe esbateram a grandiosidade da dedicação amorosa. Com Maria partilhava o coletivo multitudinário o propósito de despedida presencial. Mas aquele que ali jazia era o «seu» Eusébio, o «seu» amado — tão seu, quanto aquele que, no regresso a casa, do estádio enlutado, Maria revisitou nos álbuns de recortes fotográficos e textuais, a que, então, acrescentou os fragmentos imagéticos e textuais recém-recortados do jornal trazido do quiosque.

E, tal como no transporte público, Maria folheou, ali, no espaço doméstico que lhe fora também conjugal, espaços e tempos prévios, para se quedar na fotografia mais antiga que do futebolista conterrâneo possuía — a que melhor materializava a imagem do jovem moçambicano que captara no aeroporto da cidade-berço de ambos. E, assim como no dia antecedente, ao tomar o jornal do quiosque, retumbou em Maria, no regresso a casa do velório no estádio benfiquista, a inexorabilidade da cisão ontológica: «Der König war tot» (p. 302). E, como perante a notícia necrológica, à saída do Cemitério do Prazeres («Damals hatte wir uns ein Versprechen gegeben. Das können wir nicht einlösen. Nicht mehr», p. 6), assomou em Maria, na atualização documental dos álbuns fotográficos e textuais, a mágoa de defraudadas expectativas, a angústia de omissões irreversíveis («Wo war dieses Versprechen geblieben?», p. 302).

Aparentemente circular, o movimento reflexivo do eu-vivencial: recua à imagem de 1961, tanto no folhear do jornal, durante a viagem de elétrico, quando soube da morte de Eusébio, como na observação dos álbuns, após visita ao defunto no estádio benfiquista. E, contudo, diferem a passageira do transporte urbano e a participante no velório, que, no regresso a casa, se ancoram numa antiga fotografia de Eusébio. A primeira desenrola a memória sobre carris rodoviários e sob a batuta rítmica do motorista munido de partitura topográfica; a segunda desfralda a memória sobre os trilhos, não de um jornal de documentação variada e formatado em alheia matriz gráfica, mas de álbuns morosamente preenchidos, dedicadamente organizados e obsessivamente revisitados em reduto domiciliário. A primeira inclina-se com Eusébio no estreito assento do transporte coletivo, partilhando as lágrimas de luto que embaciam os olhares circundantes; a segunda dobra-se sobre Eusébio na intimidade do espaço do doméstico, e silencia a voz narrativa que lhe sustentou a movimentação mnemónica — como elétrico que, retornado ao espaço de partida, não inicia novo turno.

## A VOZ HETERODIEGÉTICA

Não desperdiça o autor textual a oportunidade que a protagonista lhe proporciona, ao quedar-se silente entre os monumentos imagéticos e textuais da galeria que, no curso das décadas, erigiu: os quatro derradeiros capítulos do romance ficam a cargo de um narrador heterodiegético, que toma o fio narrativo deixado pela instância

autodiegética, sem se permitir eclipse inicial de grande amplitude, pois que principia o seu discurso narrativo com o relato do funeral de Eusébio.

Omnisciente e interventivo, o narrador na terceira pessoa não deixa, no relato do ato fúnebre, de veicular um quadro panorâmico, enfatizando a dimensão multitudinária e a tonalidade disfórica. Tal amplitude de perspectiva, que faz sobressair a grandeza desportiva de Eusébio, não impede que o narrador autoral releve, em conformidade com a intencionalidade do autor implícito, a figura de Maria, caracterizando-lhe a ação externa e interior e aproveitando-lhe até, esporadicamente, o ângulo de visão.

Do jogador benfiquista a entidade mediadora referirá, subseqüentemente, a trasladação para o Panteão Nacional, socorrendo-se, também aqui, do saber experiencial da personagem principal da obra. Na notícia de transposição dos restos mortais do futebolista moçambicano para o monumento português, o narrador autoral intercala o seu discurso com réplicas que Maria, em visita ao túmulo de Eusébio, dirige ao jogador falecido, comunicando, assim, ao narratário a localização do túmulo do futebolista: na mesma sala em que repousava Sophia, e próximo do túmulo de Amália Rodrigues.

De resto, o narrador heterodiegético não deixa de evidenciar que a despedida presencial prestada por Maria a Eusébio, no velório e no Cemitério do Lumiar, não significou para a protagonista a desvinculação emocional-afetiva do conterrâneo, pois que, além de revelar a primeira deslocação de Maria ao Panteão Nacional e o seu propósito de continuar a rumar ao sarcófago do benfiquista, a instância narrativa não se coíbe de transcrever as falas em que a protagonista se refere a Eusébio, no diálogo que trava com o seu falecido marido.

A opção do narrador heterodiegético de encerrar o relato diegético com encenação dialógica no Cemitério dos Prazeres — que, na mente de Maria, diante do marido, aproxima, quase em figuração de amor triangular, não apenas as duas personagens principais e titulares, mas também a figura não protagonista —, em vez de rematar o fluxo narrativo com a representação da visita de Maria ao jogador lourenço-marquino, não pretende ilibar a protagonista de iniludível delito maior: a infidelidade conjugal que a sua alma sucessivamente cometeu — reiterado atentado platónico contra o laço matrimonial. Inútil seria, de resto, tal pretensão autoral, porquanto a explícita declaração afetiva da viúva junto à campa de João («Ich liebe dich», p. 315), embora assente em sincera gratidão, e talvez inapercebido sentimento de culpa, de modo algum ombreia com a afirmação verbal e não verbal, por décadas a fio, de Maria a Eusébio — passionalidade constante, jamais esmorecida, porque veuada de incondicional entrega.

Que o narrador heterodiegético remate o seu relato autoral com a réplica amorosa que Maria dirige a João, a mesma que dele acredita ouvir (p. 315), apenas corrobora a supremacia de Eusébio no coração e na mente de Maria, desde que primeiro avistou o jogador no aeroporto lourenço-marquino. Maria integrou João no seu quadro

mental de domiciliação conjugal — «unser Haus» (p. 251) e teria com o marido edificado um universo de parentalidade, se o médico, a mando secreto da instância patronal afetada, lhe não houvera extorquido, além do feto ilegítimo, a fertilidade (p. 51). Todavia, somente a Eusébio a protagonista se associou na consciência de pertença familiar: «Die Frau. Die Töchter. Alle trauern jetzt. Meine Familie trauert. Meine heimliche Familie, die nichts von mir weiss.», pp. 6, 252).

Não admira, assim, que a viúva regressada da Alemanha haja escolhido residência em Benfica, enquanto esperava por recuperar — em gesto de grata homenagem, não de amor integral — a antiga casa do marido defunto (p. 258). Como não surpreende que, perante o falecimento de Eusébio, Maria, não só se tenha olvidado do falecido marido («Zum ersten Mal, seit er auf dem Friedhof Prazeres in die Erde gesenkt worden war.», p. 306), como também, sem prever a posterior trasladação honorífica do jogador, haja cogitado a aquisição, para si, de campa próxima da sepultura de Eusébio, para, como justificou ao defunto marido, «poder estar perto do jogador além da morte» (p. 308). De resto, não apenas cercania, mas vinculação eterna, fantasiava Maria: «Sie in ihrem Graben und Eusébio nur wenige Meter neben ihr. Endlich vereint, nach Jahrzehnten des Wartens. Für immer vereint und nicht mehr zu trennen» (pp. 303-304). E não somente por sentir-se a desfalecer, abandonou Maria o cemitério do Lumiar antes de concluída a cerimónia fúnebre, também, ou sobretudo, pela obsessão de garantir que Rosa, interromperia as férias no norte do país, para cantar, na casa de fados renomeada por Maria com o número da habitação que lhe fora conjugal — *Nummer 11* —, o fado «Sou tua»: «Bitte sing, Rosa. Sing für mich, sing für uns. Sing zu Ehren Eusébios» (p. 305).

## ALENTE DO AUTOR TEXTUAL

Na mente e no coração do leitor fica, em primeira e em última instância, dupla memória nítida, de distinto impacto anímico: por um lado, a recordação pungente dos atos diários de violação sexual a que o patrão sujeitou a figura principal da obra, antes e depois de a engravidar; por outro lado, a lembrança da grandeza afetiva de Maria, que à tão imaculável, como insuperável e inextinguível, paixão por Eusébio logrou juntar outros, menos arrebatadores, mas igualmente solícitos, afetos — pelo marido, pelos amigos da casa de fados, pelos frequentadores do lar infantil e do clube paroquial juvenil, por Portugal, o país que sentia como sua casa.

Justifica-se, assim, por de mais, a primazia, no título e na ação diegética, de Maria: ao autor textual, parece importar, não tanto o delineamento da figura de Eusébio, ou a denúncia aberta do regime salazarista e marcelista, mas a resiliência do coração enamorado e a impotência da feminilidade sob jugo masculino.

Que o nome do pai e da mãe do Eusébio histórico identifiquem, em *Maria und Eusébio*, figuras de relevância vivencial para a protagonista permite acreditar

que Michael Longerich, academicamente graduado em estudos literários, históricos e políticos, colheu vasta e fundamentada informação sobre o Portugal do segmento cronológico distendido no romance; e que a sonegação de informações sobre Moçambique se justifica não por conhecimento lacunar decorrente de negligenciada pesquisa, antes por verosimilhança psicológica: Maria escolheu, em evidente mecanismo freudiano de defesa, reprimir as lembranças da família e do país que deixaram de ser dela no primeiro embarque para Portugal, embora disso apenas se haja consciencializado na viagem intercontinental seguinte, trinta anos após a primeira: «Die Menschen waren mir fremd» (p. 267). Da sua matéria, Maria guardou apenas Eusébio, que, afinal, engrandeceu Portugal, mesmo depois da independência moçambicana, e inaugurou África no Panteão lusitano. Não a vinculação consanguínea, ou o enraizamento telúrico, mas o aconchego do amor passionai concedeu a Maria a plenitude da pertença. Daí o regresso exultante a Lisboa: «Ich bin zu Hause, dachte ich glücklich, als das Flugzeug gelandet war» (p. 269).

O escritor alemão domiciliado em solo dinamarquês secundarizou, tanto na formulação paratextual, como no foco diegético-narrativo, a imagem heroicizante do passado lusitano, para, seguindo, porventura, lição brechtiana, melhor desnudar, no presente da escrita, a incorrigibilidade da espécie humana. Deste modo, Michael Longerich acerca-se e demarca-se, simultaneamente, dos muitos autores contemporâneos de língua alemã que sediam a ação diegética e a constelação figural das suas narrativas em localidades portuguesas (por exemplo, Maike Braun, Carolina Conrad, Mario Lima, Christine Sterly-Paulsen, Gil Ribeiro, Luis Sellano, Heidi van Elderen): o leitor — germânico ou não — de *Maria und Eusébio* colhe, no romance, diversas informações político-económicas e socioculturais sobre Portugal, que poderão estimulá-lo a pesquisa bibliográfica e/ou a visita turística; mas ultrapassa a fronteira do nacional-lusitano, encontrando no universo diegético da obra marcas universais da essência humana.

## BIBLIOGRAFIA

- LONGERICH, Michael (2022). *Maria und Eusébio*. Bonn: Kid Verlag.
- MALHEIRO, João (2022). *(E)ternamente Eusébio*. Porto: Coral Books.
- MELO, Afonso de (2022). *Eusébio*. Lisboa: Âncora.
- PINTO, António Costa, coord. (2005). *Portugal Contemporâneo*. Lisboa: Dom Quixote.
- RAMOS, Rui, coord. (2012). *História de Portugal*. Lisboa Esfera dos Livros, 9 vols.
- REIS, António, dir. (1990). *Portugal Contemporâneo*. Lisboa: Alfa, 6 vols.